Historia documental do conflito academico de 1921 com o professor dr. Angelo da Fonseca

HISTORIA DOCUMENTAL

DO

CONFLITO ACADEMICO DE 1921

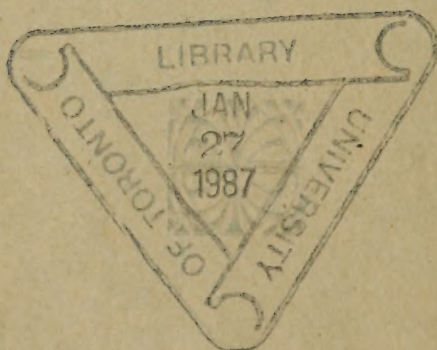
COM O PROFESSOR

DR. ANGELO DA FONSECA

I

COIMBRA
ARTHUR AUGUSTO D'OLIVEIRA, EDITOR

1921

HISTORIA DOCUMENTAL

DO

CONFLITO ACADEMICO DE 1921

COM O PROFESSOR

DR. ANGELO DA FONSECA

I

COIMBRA

ARTHUR AUGUSTO D'OLIVEIRA, EDITOR

1921

I

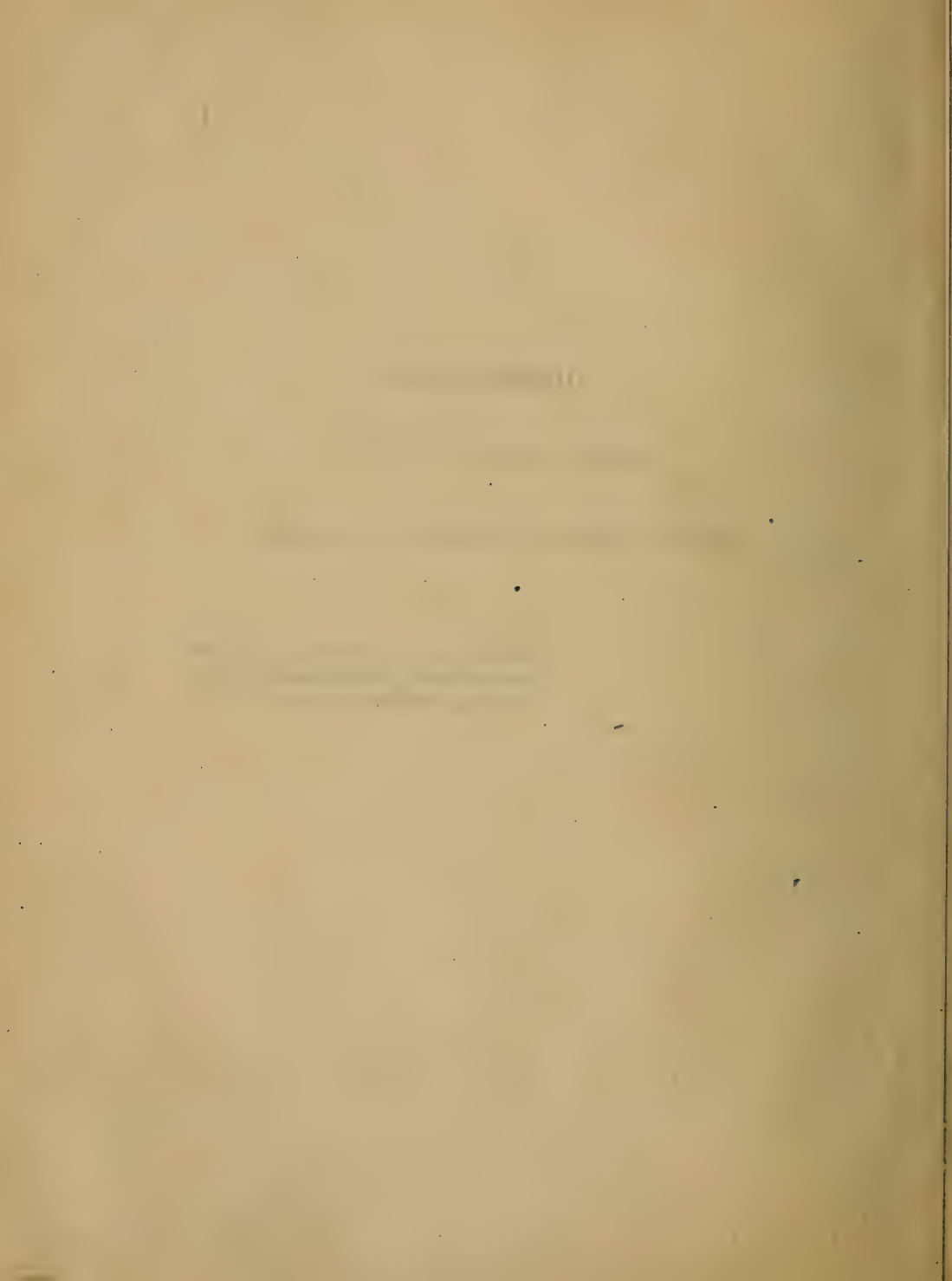
Na Aula, no Conselho da Faculdade de Medicina, no Parlamento, na Imprensa e na rua

HOMENAGEM

AO

ILUSTRE PROFESSOR E CIRURGIÃO

DOUTOR ANGELO RODRIGUES DA FONSECA

daquele dos seus doentes que mais lhe deve, que mais o estima e que é tambem o seu mais dedicado admirador.

EXPLICAÇÃO

Este livro — *Historia documental do conflito Academico de 1921*, destina-se a reunir as mais importantes peças do processo de tão extravagante movimento, não já para o ilucidar, pois para isso bastaria uma só prova — a exposição á Faculdade de Medicina do conflito pelo Professor Angelo da Fonseca, — mas para inteirar o publico dos seus propositos, e, mais, — para desagravar o homem e medico ilustre que, em razão da sua posição oficial, não pode defender-se senão por meio de documentos, e perante as instancias competentes.

Ainda bem que estes não só bastam, mas abundam.

Pelo que nos propomos tirar seguidos volumes, conforme o curso da questão.

Alem destas razões uma outra nos leva a reimprimir e editar a presente coleção.

O proposito de prestar homenagem ao professor e operador eminente, a quem devemos o milagre do nosso restabelecimento, apoz o desastre em que corremos perigo de vida, — ou seja

a prova inequivoca da maior proficiencia e dos mais carinhosos cuidados para comnosco, e pelos quais, publicamente, nos cumpre protestar-lhe a nossa mais profunda e reconhecida admiração

O editor,

ARTHUR AUGUSTO D'OLIVEIRA.

Noticia da declaração da greve. Os alunos da Universidade de Coimbra votam a greve geral emquanto o Prof. Angelo da Fonseca não for substituido nas cadeiras que rege.

Dá-se como pretexto do movimento a censura do Prof. a um aluno do curso, por este haver feito referencias desagradaveis á Faculdade de Medicina.

Os academicos fazem manifestações nas ruas, que a Cidade repulsa, vendo-as com desgosto por atingirem um professor distincto a quem a Universidade tanto deve.

Coimbra, 18 — A academia da Universidade reunida hoje na sala dos capelos, votou a gréve geral emquanto o sr. dr. Angelo da Fonseca não fôr substituido nas cadeiras que rege no presente ano lectivo.

Esta incompatibilidade entre professor e alunos teve origem na censura que aquele professor fez na aula ao discurso proferido por um dos quintanistas, por ocasião do funeral do dr. Daniel de Mattos. Nesse discurso viu o sr. dr. Angelo da Fonseca referencias desagradaveis para os professores da faculdade de medicina.

Assim que terminou a reunião, os academicos vieram em manifestação para a rua, soltando vivas á greve.

A cidade vê com desgosto este conflito com um professor distinto e amigo da Universidade, pois a ele se devem importantes dotações obtidas para melhoramentos dos hospitais da Universidade.

(*Diario de Noticias*, de 19 de abril de 1921).

Ha dias que estava latente um conflito entre os alunos do 5.º ano de Medicina e o professor desta Faculdade sr. Dr. Angelo da Fonseca, em virtude deste professor ter censurado o curso por julgar desprimoroso para a Faculdade de Medicina o discurso proferido pelo quintanista sr. Eduardo Coelho, junto do cadaver do saudoso professor, sr. Dr. Daniel de Matos.

Daqui resultou a incompatibilidade dos quintanistas para com o sr. Dr. Angelo, não voltando mais a frequentar as suas aulas, pretendendo por isso que s. ex.ª seja afastado da regencia das suas cadeiras no corrente ano lectivo.

Depois de varias *demarches* com o reitor da Universidade para a realisação do seu *desideratum* convocaram os quintanistas uma reunião magna da academia, que se efectuou ontem na sala dos capelos, sendo votada a gréve geral.

*

E' devéras lamentavel que tenha de recorrer-se a tais meios que na cidade causaram profunda impressão, porque eles vão reflectir-se na velha e gloriosa Universidade.

O sr. Dr. Angelo da Fonseca é um operador muito distinto, que tem dado nome á douta Faculdade de Medicina. Homens de valor como o sr. Dr. Angelo da Fonseca vão rareando muito porque é incontestavelmente uma grande competencia na sua especialidade.

Tem demonstrado bem ser um dedicado amigo da velha Universidade, o que ficou bem assegurado pela defeza que ele fez do instituto a que pertence quando do celebre decreto que extinguiu a Faculdade de Letras.

No Hospital da Universidade, graças á sua iniciativa e dedicação tem introduzido importantes melhoramentos e conseguido dotações para obras nos diversos estabelecimentos dependentes da Universidade.

A cidade e a Universidade devem, pois, relevantes serviços ao sr. Dr. Angelo da Fonseca as quais não se podem nem devem esquecer.

Por tudo isso, Coimbra não pode deixar de lamentar que o referido professor se encontre envolvido nesta questão.

Gazeta de Coimbra, de 19 de abril de 1921.

Declaração da greve.

Os grevistas forçam as portas da sala dos Capelos.

Percorrem as ruas em gritos e impropérios contra o Prof. Angelo da Fonseca.

E' uma violencia incomportavel dentro das normas duma sociedade disciplinada a exigencia da destituição do professor. Afirma-se a alta competencia e o grande prestigio pessoal e profissional do Prof. Angelo da Fonseca.

Na segunda feira ultima, os estudantes da Universidade, reunidos na sala dos Capelos, cujas portas forçaram, resolveram declarar-se em gréve.

Que poderá ter levado os estudantes a tomar tal resolução?

Ao que parece, trata-se de um movimento de solidariedade da academia com o curso do 5.º ano de medicina, o qual pretende, por sua vez, que um seu professor o sr. dr. Angelo da Fonseca, seja arredado da regência da sua cadeira para o ir substituir um outro professor, o sr. dr. Raposo de Magalhães.

Os estudantes fizeram seguir a sua declaração de gréve de uma manifestação nas ruas contra o professor dr. Angelo da Fonseca, e, entre gritos e impropérios

de vária ordem, alguns falaram ao publico, para o pôrem, certamente, ao corrente da sua causa e conquistarem de algum modo a sua propria solidariedade.

O facto, portanto, deixou de ter um aspecto exclusivamente escolar, a dirimir entre os estudantes grevistas e as autoridades universitarias. Passou a Porta Ferrea, para se revestir da imponencia de um caso de interesse e ordem publica. Temos, assim, o direito de o apreciar, e, mais do que isso, o dever de contribuir para que acêrca dele se forme um juizo consciente e seguro.

A gréve que os estudantes acabam de declarar tem o aspecto de uma violencia incomportavel dentro das normas de uma sociedade disciplinada.

Na verdade, que pretendem os quintanistas de medicina? Isto: que tirem um professor da cadeira que lhe pertence e o substituam por outro, que eles mesmo escolheram e se prontificam a apresentar.

Uma reclamação desta natureza, que não sabemos se já alguma vez se fez, só se pode admitir numa situação extrema — quando o professor contra quem ela se dirige seja a mais comprovada incompetencia ou a negação absoluta dos mais simples principios de justiça.

Estará nestas condições o professor dr. Angelo da Fonseca?

Não é, certamente, *A Noticia* que pode passar ao ilustre médico o atestado da sua competencia profissional, nem pela cabeça dos seus redactores passa a tola pretenção de se supôrem com autoridade para o fazer. Não.

O sr. dr. Angelo da Fonseca tem a sua reputação médica feita ha muitissimo tempo.

E para a ter não precisou de esmolar o favor de ninguem nem de saltar por cima da dignidade dos seus colegas. Fez-se a si mesmo, aproveitando a lição dos seus mestres, trabalhando persistentemente, consumindo num estudo de todos os dias a energia que só pode manter quem da sua profissão faz um autentico sacerdocio.

Que digam se não é assim as centenas de doentes que tem recorrido ao seu auxilio scientifico, que o desmintam os médicos que com s. ex.ª tem travado discussões clinicas, que venham afirmar o contrario os cursos que pela sua mão tem passado e dele tem recebido ensinamentos e conselhos.

E' porventura injusto o sr. dr. Angelo da Fonseca, tirando aos seus alunos, propositadamente, aquilo que de direito lhes pertence?

Ainda ninguem viu apresentar-se um caso em que o sr. dr. Angelo da Fonseca possa ter revelado, já não é só a falta do senso de julgar, mas o fundo de maldade que apenas se compraz em perseguir e prejudicar. Antes muitos casos se poderão apontar em que o sr. dr. Angelo da Fonseca soube ser generoso, sem deixar de ser justo, mais procurando exalçar os seus alunos em vez de os apoucar com a intenção formada de lhes fazer mal.

Quere que os seus alunos estudem e trabalhem e déem mostras do seu saber e do seu estudo? Só ha que louvar s. ex.ª por isso mesmo e, entre os primeiros a louva-la estarão os seus discipulos: dessa forma defende o sr. dr. Angelo da Fonseca a humanidade, que não pode estar á mercê da ignorância, mais ou menos audaciosa, de um diplomado em medicina, e defende o prestigio scientifico da sua escola, o que é o mesmo que valorizar no conceito publico os médicos que ela diplomar.

Então, dadas estas condições, que são as que se ajustam perfeitameute á verdade, não é uma violencia a gréve universitaria?

Ninguem póde nega-lo.

O professor não recusou aos seus discipulos o ensino a que eles teem direito; o professor faz o seu ensino com raro zelo e competencia; o professor trata, a toda a hora, de esclarecer, demonstrar, tornar evidentes as suas lições pondo diante dos olhos dos seus discipulos os varios casos da sua clinica hospitalar; o professor, pelá sua vida passada, pelas suas responsabilidades morais, pela sua propria situação social e

politica, oferece todas as garantias de fazer justiça aos meritos dos seus discipulos: — porque hão de arrancar-lhe os direitos, que conquistou legitimamente, e porquê impôr-lhe uma exautoração quando o seu valor profissional o eleva onde muitos não poderão chegar.

Mais um bocadinho de calma e de reflexão.

Se alguma coisa se deu entre o professor e o curso, que os tenha incompatibilisado pessoalmente, essa incompatibilidade não poderá reflectir-se nas funções e na situação oficial que a um e outros cabem. O que, antes de mais nada, haveria a fazer era procurar remover a causa dessa incompatibilidade, pondo para esse fim em acção os meios de ordem moral apropriados.

Agora, um curso aproveitar um incidente meramente pessoal com um seu professor para correr com ele da sua cadeira e pôr lá imediatamente outro que mais lhe agrada, ou julga que mais lhe convém, isso é que não pode ser, nem pessoa de boa fé pode honestamente sancionar.

No caso presente, o primeiro a não quer participar da responsabilidade de tão estranha violencia será certamente o sr. dr. Raposo de Magalhães.

(*A Noticia*, de 20 de Abril de 1921).
(*A Patria*, de 21 de Abril de 1921).

Reune a Faculdade de Medicina em 20 de abril para apreciar o conflicto. .

O Prof. Angelo da Fonseca faz declarações ao Conselho, historiando o que se passou entre ele e os alunos, e provando a sem razão do incidente.

Demonstra que os alunos o procuraram para lhe dar explicações, a ele professor, e não para lh'as ouvir.

Diz que tanto eles se não consideraram agravados que durante 10 dias frequenta-

ram normalmente as suas Clinicas, continuando consigo as melhores relações escolares e pessoais.

Só no fim de 10 dias é posto na rua um manifesto difamatorio, declarando o curso a sua irredutibilidade com o professor.

Dá conta ao Conselho da maneira como regeu a sua cadeira.

Coimbra, 20 — A Faculdade de Medicina reuniu hoje expressamente para apreciar o conflicto dos academicos com o professor dr. Angelo da Fonseca.

A Patria, de 21 de abril de 1921.

Seja-lhe permitido exprimir o intimo desgosto que tem sentido por ter de assistir ao espectaculo triste de alguns dos aspectos que reveste a já agora chamada questão entre o curso do 5.º ano medico e ele orador.

Mas, embora desgostoso com alguns desses aspectos, afirma que será com toda a serenidade que falará dessa questão.

Vai falar pelo muito respeito que lhe merece a Falculdade e pela consideração pessoal que deve aos seus colegas, pois a exposição que vai fazer não deseja que alguem a tome noutro sentido.

Ha uma campanha contra ele... Mas as palavras que vai proferir não são propriamente de defesa.

Uma defesa implica uma acusação prévia e ele orador ainda não viu um libelo acusatorio que tenha de contestar.

Sabe que os alunos do 5.º ano medico publicaram um manifesto contra si e que o fizeram espalhar profusamente. Sabe que esse manifesto é injurioso. Nunca o leu e só o lerá quando alguma circunstancia especial se dê que o determine a faze-lo. Pessoas amigas o informaram do que é na essencia e nos seus

traços gerais, esse papel. E ele com isso se contenta para formular o seu juizo... não se vendo obrigado assim a relegar o manifesto e os seus autores, a outros juizes.

Ha, alem desse manifesto, que foi distribuido em 11 de março proximo passado, a declaração de greve, votada em assembleia dos estudantes, na 2.ª feira, dia 18 de abril.

Declara ao Conselho que vai examinar, com toda a serenidade, os seus actos. Tera a lialdade de expor aos seus colegas as intenções que os determinaram, não para se defender, repete, pois, não toma como acusações as injurias dessa folha, nem as vaias com que o seu nome foi acompanhado na 2.ª feira passada, mas, tão somente para habilitar os seus colegas a formularem o seu criterio nesta questão.

Vagamente o informaram de que é acusado:

1.º — Movido de inveja, de procuar deprimir a figura do falecido Professor Dr. Daniel de Matos, numa lição que fez em 1 de Março, e que dedicou á comemoração deste seu ilustre colega;

2.º — de ocupar tal lição com elogios a si proprio;

3.º — de depreciar um discurso que o estudante sr. Eduardo Coelho, proferiu no Cemiterio, quando do enterro daquele professor;

4.º — de, naquele mau proposito ver nas palavras desse estudante, o intuito de ofender a Faculdade de Medicina, pretendida injuria grave, feita a todos os alunos do 5.º ano medico;

5.º — de agravar o curso, negando-se a receber as explicações que o estudante sr. Eduardo Coelho queria dar-lhe:

6.º — de, depois de ser obrigado a ouvir essas explicações, se não declarar satisfeito com elas, impelindo o curso a vir dizer das suas razões na imprensa.

Ora o que se passou foi o seguinte:

No dia 1 de março passado, fez na aula de Clinica Cirurgica, uma alocução para comemorar a grande perda que a Faculdade sofreu com o desaparecimento do Dr. Daniel de Matos.

Disse que queria mais uma vez manifestar o seu pesar pela morte do professor, seu Mestre e predecessor na regencia da cadeira de Clinica Cirurgica; e, depois de enumerar as nobres qualidades que ornavam o caracter do homem, deu-se a historiar as condições em que o eminente professor assumira a responsabilidade daquele ensino.

Recordou as circunstancias em que havia desaparecido a figura de Sousa Refoios, a quem rendeu homenagem; e, acentuando que a organisação universitaria da época, deixava sem solução o problema do ensino da cirurgia em Coimbra, recordou que, ao talento do Dr. Daniel de Matos, á sua tenacidade e ao seu muito amor pela Faculdade de Medicina, deveu a Universidade um relevantissimo serviço que jámais poderão esquecer todos quantos se interessam pelo brilho e bom nome desta escola.

De facto, com a morte de Sousa Refoios, ter-se-ia interrompido a parte mais notavel do ensino cirurgico, se não fora a dedicação com que o saudoso Mestre se entregou ao estudo da cirurgia geral, frequentado com uma assiduidade de verdadeiro escolar, as clinicas estrangeiras e os congressos internacionais, adaptando-se a esse ramo de trabalhos, onde desde logo evidenciou admiraveis qualidades.

Aos seus dotes naturais, deu relevo o facto de ser um anatomo-patologista distincto, havendo feito a sua educação, demorada e dedicadamente, durante alguns anos, na situação de preparador do Gabinete de Anatomia Patologica.

Ainda neste desempenho revelou um claro espirito de previdencia, pois, teve já nesse tempo, a visão exacta da importancia dos trabalhos laboratoriais.

Fez algumas considerações tendentes a demonstrar que a educação clinica exige um estudo completo e bem orientado das sciencias auxiliares, aludindo ás vantagens que ele proprio, prelector, tirara dos trabalhos que em tempos havia realisado em Coimbra, nos Laboratorios da Faculdade e especialmente no Laboratorio de Microbiologia, sob a direcção do ilustre

Prof. Charles Lepierre e que muito o auxiliaram ainda durante o seu curso de Urologia em Necker.

Daniel de Matos, fora um cirurgião eminente. Duma natural clarividencia, ele brilhava, notavelmente, ao discutir um diagnostico dificil. Ainda dias antes da sua morte, tivera ocasião de o observar, ao trocarem impressões sobre um caso clinico muito discutido e pelo qual, ele prelector, fora a Lisboa (caso Alexandre Braga). Logo que chegou a Coimbra, expoz o caso clinico ao Dr. Daniel de Matos, que sobre ele fez considerações muito interessantes.

Foi com a maior comoção que recordou: primeiramente, que foram os conselhos e até as instancias do Dr. Daniel de Matos, que o levaram a Paris, a estudar e especialisar-se em Urologia, nas Clinicas do Prof. Albarran; em segundo logar, que foi ainda ele, quem com a mais generosa discreção o habilitou na cirurgia geral, enviando para os seus serviços, casos de alta cirurgia, afim de que se exercitasse nos metodos, os mais modernos, que acabava de estudar nas clinicas de França, Inglaterra, Alemanha e Austria. Jámais esqueceria os seus ensinamentos, a abnegaçao e os delicados cuidados com que ele foi pouco a pouco preparando o discipulo, que, em sua benevolencia, havia escolhido para seu sucessor, na regencia da dificil cadeira.

Quando um dia o Doutor Daniel de Matos o convidou a tomar a direccão do ensino da Clinica Cirurgica recusou-se, sinceramente, no primeiro impulso, a aceder a tão honrosa obrigação. E, em Conselho da Faculdade, obtemperou que temia assumir a responsabilidade dum cargo que a seu ver só podia ser bem desempenhado por quem possuisse as qualidades excepcionais do grande mestre.

Insistiu o Dr. Daniel de Matos com ele para que o substituisse e tão vivamente o fez, alegando falta de saude propria para o trabalho intensivo, necessario ao desempenho desta cadeira, que a aceitou, conscio, repetia, das dificuldades a vencer, mas decidido a honrar, pelo trabalho, a confiança da Faculdade e

designadamente a daquele seu ilustre antecessor. Nesse empenho tem orientado a sua vida de Prof. e do que tem realisado e da maneira como se tem desempenhado daquele encargo, esclarecem os arquivos das clinicas que dirige e se propõe brevemente publicar para que todos os interessados saibam como se trabalha e ensina na Faculdade de Medicina. E' necessaria essa prova, que será facil fazer, para que duma vez para sempre acabe a campanha de insinuações que alguns inimigos da Faculdade lhe vem movendo, e, que, sobre ser inconveniente para o prestigio da escola que nos educa, é de todo o ponto descabida, por injusta. Não fala por si, por interesse proprio. Os homens passam, emquanto as instituições ficam, e justo é que perdurem isentas e elevadas no conceito de todos.

Ainda, como estudante, combateu o regimen anterior, em oposição politica ás instituições vigentes, então monarquicas (a universidade dessa epoca era declaradamente monaquica), sem contudo haver pensado alguma vez em ferir a sua Falculdade, os seus professores, por quem sempre teve o maior respeito. Com orgulho, lembra o seu passado de republicano intransigente, que nunca dobrou a espinha, que nunca implorou favores dos seus mestres, mas que tambem nunca os ofendeu; e, sobretudo, os considerava como seus amigos, porque o ensinavam e incitavam a trabalhar. Do seu tempo de estudante lhe vem pois, o proposito de não pedir benevolencia para os actos das suas obrigações oficiais; nunca solicitou esta a nenhum dos seus mestres, já agora, não a pedirá a ninguem. Os seus serviços clinicos estão documentados nos arquivos respectivos, e estes darão conta da sua dedicação pelo ensino.

Efectivamente, menos propria é a campanha de insinuações que se pretende contra a Faculdade de Medicina, pelo que foi com grande desgosto que ouviu palavras que se lhe tornaram tanto mais desagradaveis, quanto era certo serem proferidas no cemiterio, á hora da ultima homenagem ao Prof. Daniel de Matos, sem-

pre, emquanto vivo, o mais destemido paladino da sua Faculdade e da Universidade.

Muito o magoaram essas palavras. O proprio Dr. Daniel de Matos, pobre amigo! — se as podesse ouvir, se tão longe não estivesse do comercio dos vivos, dos seus juizos infundados, levantar-se-ia para firmar o seu protesto. Ele, que tanto queria á sua escola.

Vê, pois, o Conselho que nas suas palavras não houve injuria, não houve agravo para ninguem: houve apenas um reparo expresso correctamente, e com toda a lialdade, por quem se encontrava magoado na qualidade de membro desta corporação, á sombra de cujo prestigio teem de viver todos, estudantes e professores.

Foi voz unanime o haver sido ferida a Faculdade pelo estudante Sr. Coelho, no momento em que falou no cemiterio. Toda a gente que ouviu o seu discurso o notou.

Como quer que, depois da aula, ele orador fosse operar, auxiliado pelo seu colega Dr. Bissaia Barreto, no fim da operação, emquanto se vestia, apareceu-lhe o estudante Sr. Antonio de Padua, dizendo-se aborrecido com o procedimento do seu colega, classificando de inconveniente o tal discurso « que bem desejaria não ter ouvido » e pedindo-lhe para que recebesse o mesmo Sr. Coelho, que estava muito encomodado, desejando ler o discurso que pronunciára no cemiterio e explicar-lhe que não tivera nenhuma intensão de ofender a Faculdade.

Respondera ao Sr. Padua, que estava muito fatigado e lhe custava de momento atender quem quer que fosse; mas que se não encomodasse o Sr. Coelho, por que, se ele declarava que não tivera intensão de ofender a Faculdade, toda a ofensa desaparecia. Momentos depois, veio dizer-lhe uma empregada que uns estudantes desejavam falar-lhe. Mandou-os entrar. Deparou-se-lhe o estudante Sr. Coelho com alguns condiscipulos, aquele num estado de excitação que o impressionou. Para o acalmar repetiu-lhe o que antes dissera: — que

não valia a pena incomodar-se. Ao que o Sr. Coelho replicou ofegante: «Pelo amor de Deus deixe-me ler o discurso; senão sucumbo». Imediatamente lhe respondeu: sossegue e leia! Leu e comentou o que trazia escrito concluindo; «sou incapaz de ofender os meus professores. Nunca andei metido em campanhas, pois vivo com os meus livros...» Ao que ele declarante observara — que, de facto, o considerava um aluno estudioso e trabalhador. Afirmou, seguidamente, o estudante Sr. Coelho que ia publicar o seu discurso para esclarecer a opinião dos que lhe atribuiam intenções que ele não tivera. Obtemperou-lhe, unicamente: justo é que aclare as suas palavras perante a opinião publica.

Passou-se isto no dia 1 de março e 2 dias depois, a *Gazeta de Coimbra*, publicava de facto o aludido discurso.

Deve dizer que nunca mais pensou no caso. Estava em serviço de exames, que houve até ao dia 11, não dando aulas por esse facto.

Entretanto, os alunos do 5.° ano, frequentavam regularmente, as enfermarias, mantendo com ele professor, as melhores relações.

No dia 11 de março, é que apareceu um manifesto qne não leu e portanto não discute.

O que depois disto se passou, é do conhecimento do Conselho.

Resta dar conta á Faculdade da sua acção como professor. Vai faze-lo, embora sucintamente, para que ela possa julgar dos seus ensinos no semestre findo.

O ano lectivo começou em 6 de outubro pelo serviço de exames, sendo por isso feita a primeira lição deste semestre em 25 desse mês. Durante o semestre, passaram pelas suas clinicas 318 doentes; subindo o numero de consultas externas de Urologia a 1592.

Reputa excelente, o numero de exemplares de estudo, fornecidos aos seus alunos.

No decurso deste tempo, fez 88 operações para o curso.

As aulas que deu, foram:
Em Urologia, 22 e em Clinica Cirurgica, 35.
Deviam ter sido:
Em Urologia, 36 e em Clinica Cirurgica, 51.
Mas, perderam-se por motivos oficiais:
Em Urologia, 7 e em Clinica Cirurgica, 6.
Por ausencia dos alunos:
Em Urologia, 6 e em Clinica Cirurgica, 10.
Por ausencia dele professor:
Em Urologia, 1 e em Clinica Cirurgica, 1
Os 318 doentes que transitaram pelas suas clinicas, não foram todos distribuidos por causa das ferias. Distribuiram-se, no entanto, 273 doentes. Dos relatorios apresentados, foram discutidos com os assistentes, 161 casos; não se discutiram os restantes por ausencia dos alunos.

O Primeiro de Janeiro, de 27 de abril.
O Comercio do Porto, de 24 de abril.
O Jornal, de 30 de abril.
Diario de Lisboa, de 30 de abril.
A Noticia, de 30 de abril.

A Faculdade de Medicina, votando por unanimidade uma moção de solidariedade ao Prof. Angelo da Fonseca, enaltece a sua capacidade scientifica, competencia profissional, seu merito pedagogico e seus grandes serviços á Universidade.

Considera o Estatuto Universitario na parte em que este declara inamoviveis os professores ordinarios, pugnando pelos seus direitos, e concluindo pela nenhuma base legal da reclamação dos estudantes.

A Faculdade de Medicina de Coimbra:
Tendo sido chamada a dar o seu parecer sobre um documento entregue ao Ex.mo Reitor, em que lhe é

reclamada pela Academia a substituição do Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca na regencia da sua cadeira de Clínica Cirurgica, pelo Prof. Dr. João Emilio Raposo de Magalhães;

Ouvidas e devidamente ponderadas as considerações que, apoz a leitura do referido documento e a proposito dos factos que lhe terão servido de pretexto fez o Prof. atingido;

e

Considerando que o Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca tem dado á Faculdade de que é um dos mais ilustres membros todo o prestigio que provem da sua capacidade scientifica, da sua alta competencia profissional e do seu comprovado merito pedagogico;

Considerando que o aludido Prof. independentemente dos relevantes serviços prestados ao ensino na regencia da sua cadeira, tem procurado melhorar as condições de realização do ensino medico em Coimbra, sendo devido principalmente ao seu esforço tenaz e persistente que os Hospitais da Universidade sofreram a transformação profunda que deles fez tambem um estabelecimento modelar de assistencia publica;

Considerando que o Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, tem sido um devotado amigo da Universidade, mais de uma vez tendo posto o seu valimento pessoal e politico na defeza da integridade deste estabelecimento scientifico e dos direitos de muitos dos seus Professores;

Considerando que ao mesmo ilustre Professor se devem inicialmente e em grande parte, quando Director do Ensino Superior as reformas que deram ás Universidades a autonomia pedagogica e administrativa que delas trata de fazer verdadeiros centros de cultura scientifica;

Por outro lado,

Considerando que, segundo o art. 3.º n.º 1.º da Constituição Política da Republica Portuguesa, ninguem pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da Lei; e

Considerando que o Estatuto Universitario, no seu art. 56.º, declara os Professores Ordinarios inamoviveis, não podendo ser suspensos, nem demitidos, ou *de qualquer forma destituidos dos seus direitos*, senão pela forma e nos casos previstos na Lei;

Resolve:

1.º Manifestar ao Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca a sua mais ampla e cordial solidariedade;

2.º Declarar que, em seu parecer, a reclamação que lhe foi apresentada é infundamentada e destituida de base legal.

Coimbra, 20 de abril de 1921. — (a) *Luis Pereira da Costa*.

A Noticia, de 23 de Abril.
Diario de Noticias, de 21 de Abril.
A Patria, de 21 de Abril.
O Jornal, de 23 de Abril.
Primeiro de Janeiro, de 21 de Abril.

A Noticia *protesta contra os despropositos e inconveniencias das manifestações dos grevistas.*

Demonstra que o Prof. Angelo da Fonseca tem sido o mais zeloso defensor dos interesses da Faculdade de Medicina e, em geral, da Universidade.

Alude ao conflicto com a Faculdade de Letras, mostrando que á sua decidida vontade e esforços foi devida em grande parte a sua solução.

Recorda o papel importante que ele tomou nas reformas da Universidade, como Director Geral de Instrução Publica, concluindo por citar as dotações que obteve para os Hospitais.

Apela para a consciencia do paiz para que julgue de qual dos lados deve pender a justiça.

Ainda está de pé a greve universitaria, o que quere dizer que ainda não chegou, para os estudantes grevistas, aquele momento de calma reflexão, que lhes fará reconhecer o erro da sua atitude.

Pois bem.

Não viemos dizer aos quintanistas de medicina — que na população escolar coimbrã, constituiam dantes uma categoria de élite, nem aos dirigentes da greve — entre os quais vemos um professor de uma escola oficial desta terra, que é preciso pôr termo aos despropositos e inconveniencias de certas manifestações grevistas dos ultimos dias.

Vamos sómente mostrar, a uns e a outros, que a gréve em que se envolveram é, alem de uma violencia, uma injustiça, cujos efeitos cairão mais sobre aqueles que a praticam que sobre o professor contra quem se dirige.

O Sr. Dr. Angelo da Fonseca, tem sido o mais zeloso amigo da Universidade e o mais incansavel defensor da Faculdade de Medicina.

Ainda não ha muito tempo, quando foi do conflicto com a Faculdade de Letras, quem apareceu na primeira fila a combater pelos seus colegas e a reivindicar, como se fossem seus, os direitos dos estudantes e professores dessa Faculdade, foi o Sr. Dr. Angelo da Fonseca. Não houve esforços que o ilustre professor não empregasse, nem energia que sua ex.ª não dispendesse, para vêr restituido ao seu lugar o prestigio da sua Universidade e absolutamente assegurada a integridade do velho instituto scientifico.

Toda a gente nessa ocasião o reconheceu, e tanto que a propria cidade de Coimbra, grata ao serviço relevante que lhe acabava de ser prestado na defesa apaixonada da sua mais gloriosa tradição, prestou ao Dr. Angelo da Fonseca, a homenagem do seu reconhe-

cimento, num jantar a que concorreram inumeros representantes de todas as classes sociais.

Ainda sob o Governo Provisorio da Republica exerceu o Sr. Dr. Angelo da Fonseca, as funcções de director geral do ensino superior. Pois, não se esqueceu lá, o ilustre Professor, de que era preciso dar á Universidade o alento de uma reforma que satisfizesse ás aspirações da época e as adaptasse ás novas fórmulas politicas.

E foram o seu espirito de organisação e a sua vontade decidida e energica que, conseguindo afastar para o lado os embaraços que a rotina lhe ia pôr ao caminho, tornaram possivel a realização, naquele momento, de uma vasta acção reformadora do ensino superior. A Universidade de Coimbra, tendo alcançado os meios de rejuvenescer, poude salvar-se.

*

Será preciso dizer tambem o que tem sido o Sr. Dr. Angelo da Fonseca dentro da Faculdade de que faz parte?

Os Hospitais da Universidade falam, nesse ponto, mais alto que as nossas palavras. O velho casarão, apertado e sombrio, é hoje um modelar estabelecimento de assistencia, cheio de ar e de luz, largamente ampliado nas suas instalações, oferecendo um relativo conforto aos desgraçados que a ele vão acolher-se. Rasgaram-se paredes, fizeram-se novas construcções, montaram-se maquinismos, aumentaram-se enfermarias e quartos particulares. Instalaram-se novos serviços, aperfeiçoaram-se os já existeutes, recrutou-se pessoal competente, faz-se assumir á acção clinica as suas mais variadas modalidades.

E os Hospitais da Universidade ficaram assim em condições de realizar uma obra de assistencia local mais ampla, ao mesmo tempo que passaram a ser procurados por doentes vindos de todos os pontos do país. E desta forma os professores da Faculdade começaram a ver os seus nomes levados a toda a parte, e conse-

guiram para o seu ensino um campo mais vasto de observações.

Ao Sr. Dr. Angelo da Fonseca se devem, em grande parte, ésses beneficos resultados. Mais uma vez temos aqui que reconhecer quanto vale a sua iniciativa e a sua energia, suscitando planos e promovendo a sua realisação, solicitando e obtendo do parlamento e dos governos, os meios financeiros indispens veis para pôr em pé esta vasta obra de que hoje se estarão a aproveitar talvez muitos dos que o malsinam e nunca deixam a sua doce comodidade.

Fazendo assim o Sr. Dr. Angelo da Fonseca não procurou satisfazer qualquer mesquinho interesse egoista, dar maior expansão á sua fama de cirurgião hab lissimo: o que quiz foi defender a sua Faculdade, ameaçada de ser extinta por aqueles que contra a Universidade não deixam nunca de manifestar o seu odio. O Sr. Dr. Angelo da Fonseca reconheceu que a Faculdade de Medicina de Coimbra, só pelo trabalho poderia triunfar dos seus inimigos, e lançou-se a trabalhar sem descanço, na ancia de conseguir para si e para os seus colegas, o direito de viverem como professores, e para a sua escola o respeito devido ao nome honrado que possui.

E' contra um homem que assim tem servido o seu país que se dirige o movimento actual da academia, reclamando a sua substituição do professorado, ao mesmo tempo que sob as suas janelas se lhe dirigem chufas que a policia tinha o dever de reprimir.

Que diga a consciencia segura do país que julga para qual dos lados deve pender a justiça.

De *A Noticia*, de 23 de abril.
Transcrito n'*A Patria*, de 24 de abril.

Os serviços prestados a Coimbra e á sua escola, pelo prof. dr. Angelo da Fonseca, teem de ser devidamente documentados com factos e com numeros.

Uns e outros falam bem alto para que a população desta cidade e para que os que se interessam pelos

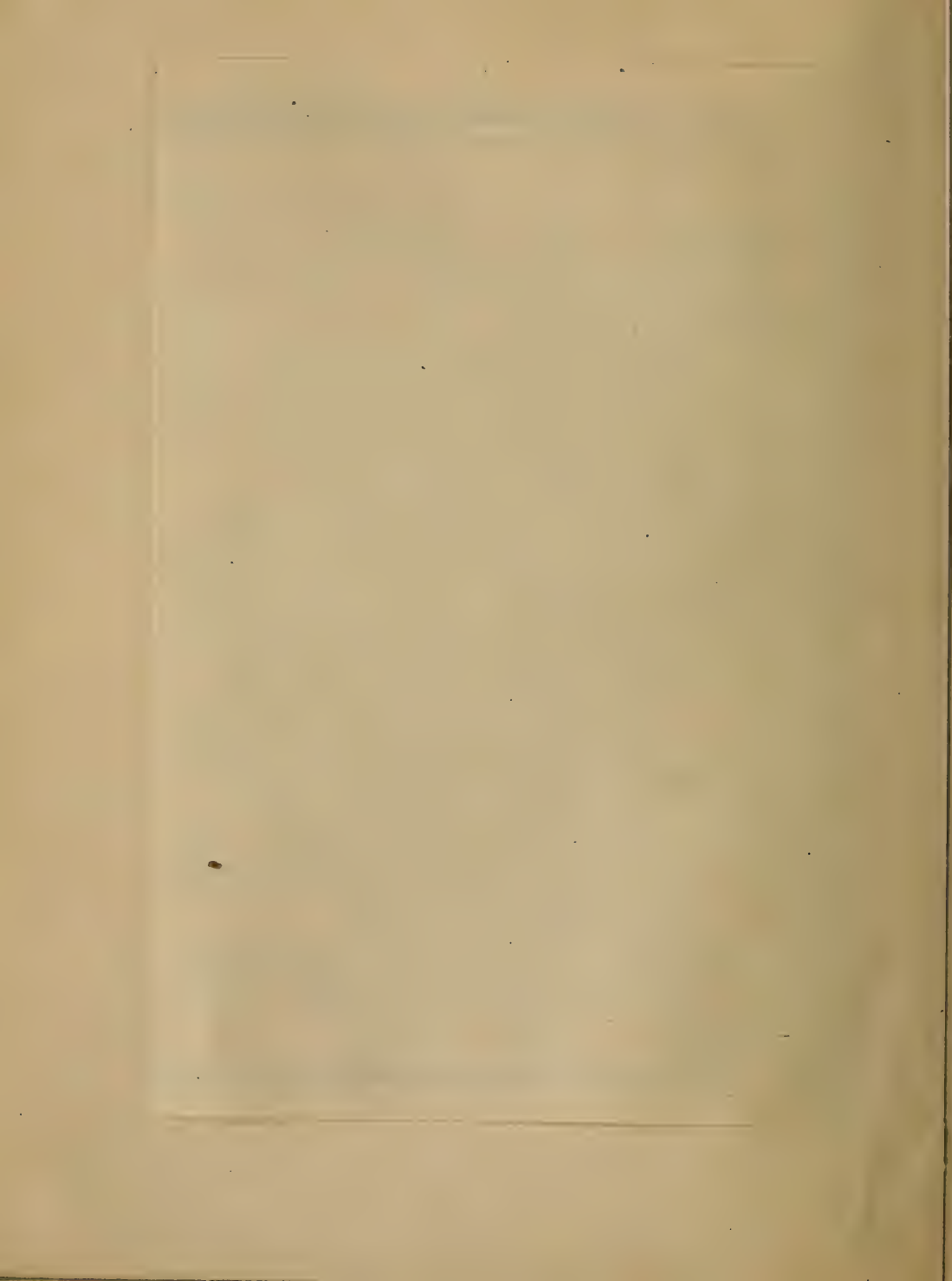
progressos universitarios, fiquem devidamente elucidados do que Coimbra é devedora ao prof. dr. Angelo da Fonseca.

Com os dedicados serviços prestados aos Hospitais da Universidade de Coimbra, como em fundo referimos, o prof. dr. Angelo da Fonseca, não só tem vindo a defender a escola de medicina em que exerce o magisterio e que nos primeiros dias da Republica sofreu rudes ataques, como a seu tempo se provará, como procurou dar-lhe o desenvolvimento e progresso material e scientifico, que é hoje uma das razões principais de existencia da escola de medicina e cirurgia de Coimbra.

Mas para que esse desenvolvimento se tivesse operado, para que os Hospitais da Universidade de Coimbra fossem o que hoje são — um estabelecimento modelar — necessario foi que o prof. dr. Angelo da Fonseca, puzesse em acção todo o seu prestigio pessoal e politico, indo buscar aos cofres do Estado, subsidios valiosos para obras e para despezas com os doentes.

Os numeros que a seguir publicamos são bastante elucidativos e, por isso mesmo, dispensam quaisquer comentarios:

Mapa das verbas auctorisadas á despender com diversas obras nos Hospitais da Universidade de Coimbra

Designação das obras	Datas dos decretos e portarias	Importancias
Construção duma casa para as operações cirurgicas e seus anexos	1-8-1911	1.000$00
Conclusão da obra da casa de operações	17-11-1911	232$46
Obras das retretes a construir no 1.º e 2.º pavimentos do Hospital e do terreno a expropriar junto da rua do Cotovelo	16-1-1914	12.122$00
Instalação Electrica	24-3-1914	9.000$00
Projecto de escada de ligação interna do pavimento terreo com o 1.º andar e regularisação do pateo e terraço	4-12-1914	1.840$00
» dum cano de esgoto das novas retretes e cosinha	»	480$00
» de modificação dum salão da enfermaria n.º 6 e novos quartos no 1.º pavimento e novo andar intermedio	»	1.820$00
Para as obras de novos quartos de mulheres empregadas, gabinete de banho e retrete do vão do telhado da ala sul	22-9-1915	5.860$00
Obra de instalação da caldeira a vapor da lavanderia	28-12-1915	3.056$58
» na casa de lavagens de louça e ampliação da despensa	»	3.043$42
Para obras parciais necessarias para a execução da armação da ala sul	27-4-1916	497$86
» » da chaminé e revestimento da caldeira	5-5-1916	692$00
» um caixilho de ferro entre o corredor e as casas das caldeiras	8-5-1916	450$00
» complemento das obras da chaminé e revestimento da caldeira	16-6-1916	758$00
» obras da cobertura superior do terraço e cano de esgoto das retretes	10-8-1916	310$00
» » de reforma da cosinha geral e pavimento da despensa	»	798$51
» » no pavimento do corredor a mozaico, azulejo em paredes e assentamento de ferragens no pavimento junto á cosinha	»	730$00
» aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares de homens e mulheres	11-8-1916	10.640$50
» obras de canalisações de agua e vapor	23-8-1916	230$00
» » de instalação de pára-raios e rede de iluminação electrica	»	1.500$00
» » na despensa, casa de peixe, refeitorio e outras no pavimento da cosinha	»	799$73
» » do aumento da nova chaminé da caldeira Babcok	27-9-1916	112$00
» varias obras complementares constantes de 8 orçamentos por estimativa	5-12-1916	3.495$00
» obras a executar no pavimento da sala dos dinamos	27-2-1917	540$00
» » de construção duma casa de banhos e retretes	24-3-1917	2.820$00
» » de instalação de uma lavandaria	26-3-1917	10.000$00
» assentamento de azulejos brancos nos corredores e vestibulos	7-1-1919	990$00
» obras de reforma da aula de farmacologia, laboratorios, farmacia, sala de operações, novos quartos, secretaria e levantamento dum andar geral com quartos, cosinha e residencia do fiscal	20-3-1919	7.000$00
» obras de instalação de uma lavandaria	»	7.000$00
» » de prosseguimento da lavandaria	8-8-1919	2.500$00
Prosseguimento das obras na reforma da aula de farmacologia, laboratorio, farmacia, sala de operações, novos quartos, secretaria e levantamento dum andar geral com quartos, cosinha e residencia do fiscal	»	5.000$00
Idem, idem	22-12-1919	100.000$00
Idem, idem	4-2-1920	100.000$00

Da concessão e aplicação destas verbas, aproveitaram os operarios desta cidade visto que, nas obras realisadas nos Hospitais, muitos e muitos ali teem encontrado trabalho.

Mas não só os operarios desta cidade teem aproveitado com o interesse manifestado pelo prof. dr. Angelo da Fonseca no desenvolvimento dos Hospitais da Universidade, como o comercio local, visto que os subsidios que a seguir tambem publicamos, foram todos distribuidos por diversos fornecedores desta cidade e gastos em beneficio dos doentes:

Nos anos	economicos	de	1911-1912..	14.000$
»	»	»	1914-1915..	30.000$
»	»	»	1915-1916..	9.543$86
»	»	»	1916-1917..	33.420$02
»	»	»	1917-1918..	78.174$25
»	»	»	1918-1919..	117.155$98
»	»	»	1919-1920..	233.000$

Assim se prova o grande interesse do prof. Dr. Angelo da Fonseca pela Faculdade a que pertence e alguns dos muitos serviços prestados a Coimbra, o que bem demonstram a sua dedicação por esta cidade.

A Noticia, de 23 de Abril de 1921.

Os grevistas insultam o Prof. Angelo da Fonseca no mesmo dia em que declaram a greve e depois da saida da sala dos Capelos, soltando frases previstas e punidas pelas leis penais em frente da residencia particular do Ilustre Professor, do seu consultorio e pelas ruas da cidade.

Extranha-se a passividade das auctoridades ante o indecoroso espectaculo.

Chama-se a atenção do sr. Governador Civil.

Citam-se factos graves como o caso de afixes *injuriosos em frente do Comissariado e, de noite, vozearias e chufas de tal ordem injuriosas que obrigam os habitantes de Montarroio a calafetar as janelas para que as senhoras as não ouçam.*

Quando os empregados do Hospital vão cumprimentar o Prof. Dr. Angelo da Fonseca, são espêrados á saida da residencia daquele ilustre medico, e tratados pelos nomes mais ofensivos.

O apedrejamento do seu Consultorio.

Incuria das autoridades.

Logo no dia em que foi declarada a greve academica, alguns estudantes saidos da reunião havida na Sala dos Capelos, dirigiram-se á Baixa, atravessando todo o bairro de Santa Cruz, soltando frases violentas contra o prof. Dr. Angelo da Fonseca, frases previstas e punidas pelas leis penais.

Pararam em frente da residencia daquele ilustre prôf. para que melhor soassem as suas invectivas pronunciadas em linguagem de viela, e vieram a concluir esse cortejo á porta do seu consultorio, tendo chegado a uma das janelas da pastelaria Chaves um dos academicos, a fazer o convite para uma serenata nas mesmas condições do cortejo.

Nessa noite, de facto, reeditou-se o cortejo do meio da tarde.

Estranha toda a gente que se possa organisar um *passeio* nessas condições, que levou alguns quartos de hora a chegar á Baixa, sem que apareçam as autoridades encarregadas de vigiar, já não diremos pela ordem, mas pelos bons costumes, a deter o passo ou a reprimir a linguagem dos manifestantes.

Muito mais se extranha ainda que para a noite não tenham sido tomadas as providencias indispensaveis para que se não afronte debaixo das suas janelas, onde ha senhoras, um cidadão por todos os motivos digno do maior respeito.

Muito mais se estranha que, havendo pelo local patrulhas de policia e da G. N. R., que ordinariamente impedem os cantares dolentes dos trovadores nocturnos, deixassem que os *serenateiros* se expandissem livremente.

E estranha-se sobretudo que a academia se tenha lançado num movimento de solidariedade por julgar que o curso do 5.º ano medico foi ofendido por um prof., e sirva essa greve de motivo para que a forma de manifestarem o seu protesto seja a ofensa e a injuria.

E' claro que os grevistas hão-de querer exteriorisar o seu protesto pelo que julgam lesivo dos seus direitos.

Mas... *est modus in rebus.*

Somos dos que muito desejam e amam a liberdade, mas sempre acompanhada da maior responsabilidade.

Julgam-se os academicos com o direito a reclamações?

Que as façam, pois, mas dentro da ordem e da maxima compostura.

Só assim se poderão impor á consideração dos que os escutam e fazer que as suas reclamações sejam apreciadas.

E só assim poderão tambem merecer o respeito de uma cidade que é já hoje um centro de comercio e de produção. onde muito se desejam e apreciam os progressos universitarios e se estimam os seus escolares, mas que pela sua vida de trabalho se não aceita já hoje, de bom agrado, quaisquer perturbações á ordem social que desejam ver mantida.

Não pretende *A Noticia* com estas suas considerações, nem dizer que não fazem falta os academicos á vida desta cidade, nem agravar uma classe, no geral, por muitos motivos digna de consideração. Mas necessario se torna que para não merecer estes reparos,

alguns dos seus membros se imponham pela sua conducta.

Ora o *passeio* que acima referimos e a *serenata* aludida, infelizmente, obriga-nos a ter de escrever estes periodos dirigidos á mocidade de uma escola superior que em todos os tempos primou de ser irreverente sem deixar de ser correcta.

Teem as autoridades desta terra, tambem, uma grande responsabilidade neste caso.

O sr. comissario de policia, porque tem falta de guardas, desculpa-se, e, sobretudo, evita um encontro — porque sabe muito bem que os conflictos academicos foram sempre a casca de laranja dos seus antecessores.

O sr. governador civil enverga a farda da G. N. R. e agarrado ás disposições regulamentares, aguarda a requisição por escrito da repartição da policia.

Ora isto é que não pode continuar, sobretudo, porque a cidade precisa de ordem.

Ninguem pretende que os academicos das modernas *serenatas* sejam espadeirados, mas unicamente que sejam impedidos de as levar a termo.

Ainda: a autoridade precisa de se revestir de todo o prestigio para que se não diga que, outro dia, ao despontar de um ligeiro movimento grevista na futura fabrica de procelanas, aparecesse desde logo um esquadrão de cavalaria e, agora... teem continuado no seu passo lento, as patrulhas da G. N. R.

Não estamos em época para formas diversas na interpretação da ordem publica.

A Noticia, de 23 de abril de 1921.

O artigo do nosso ultimo numero a proposito do procedimento das autoridades locais neste movimento grevista da academia, causou a melhor impressão nos nossos leitores que o aplaudiram sem reservas.

De facto, as auctoridades policiais estão manifestando uma tal *diplomacia* no caso, que chegam a dar

a impressão de um completo receio na repressão de certos desmandos por parte de alguns grevistas e que no publico causam a maior indignação.

Uns pasquins que certos graciosos colocam na parede da leitaria da rua Larga, mesmo em frente do comissariado, sem respeito pelas leis que regulam tais *afixes*, injuriando o professor visado, ali se conservam até que um outro os venha substituir.

De noite, têm continuado de certas casas habitadas por academicos, casas que estão situadas em volta da Praça da Republica, e até do Largo do Museu, as chufas mais injuriosas, chufas de tal ordem que têm obrigado os habitantes de Montarroio, que têm na sua familia senhoras, a terem de calafetar as janelas para as não ouvirem.

E a autoridade, ao que julgamos, continua na completa ignorancia dos seus autores.

Pois a opinião publica exige das autoridades que acabe esse procedimento que desprestigiando uma geração academica, envergonha uma cidade com foros de civilisada.

Ha dias, quando os empregados do Hospital foram cumprimentar o prof. dr. Angelo da Fonseca, eram esperados á saida da residencia daquele ilustre prof. para serem tratados com os nomes mais ofensivos da sua dignidade e da moral publica.

Ao mesmo ilustre professor foi feita uma assoada inteiramente prevista e punida pelo art. 180.º do Cod. penal.

No emtanto os seus autores continuam, ao que julgamos, a ser desconhecidos somente da policia.

Na noite de sabado para domingo foi apedrejada a taboleta do consultorio do prof. dr. Angelo da Fonseca, sendo completamente inutilisada.

E as autoridades locais, ao que parece, continuam a manter uma prudente *diplomacia*...

Ora, ninguem pretende que, sem o minimo pretexto, se agrida uma classe que dentro da ordem, tem o direito de lutar pelas suas reclamações.

A Academia de Coimbra tem o direito, como qualquer classe, visto que a época não vai para destrinça

de situações, de manifestar o seu protesto. Mas, dentro da ordem e sobretudo dentro do respeito pela moral publica.

Saidos uma vez alguns dos seus membros, para fora destas condições, julgamo-la inteiramente ao abrigo das leis penais e da repressão que é da competencia da força publica.

Mais: os academicos — não a Academia de Coimbra — que tem as responsabilidades que lhes impõe um curso superior que frequentam não podem em caso algum comparar-se nas suas atitudes, áqueles profissionais da desordem e do conflito social que tanto teem servido para lançar este país no desassocego e no descredito, que passou já alem das fronteiras...

Que as providencias das autoridades sejam, pois, mais alguma coisa do que este espectaculo a que obrigam o director deste jornal, depois da agressão que lhe foi feita, de se vêr seguido em todas as ruas por dois policias como se vivesse nesta cidade em regimen de liberdade condicional.

A' sua inercia, parece-nos que se deve, em grande parte, o prolongar de uma situação, a que temos vindo de assistir, indisciplinadora e impropria de uma cidade universitaria, pois, bastava uma atitude energica, sem precisar de ser violenta, para que certas manifestações externas do movimento academico terminassem de vez, e até com inteira vantagem para toda uma classe em que pretendem integra-las.

Se assim não é... que nos diga a autoridade o que significam estas palavras já afixadas na parede na rua Larga e reproduzidas num manifesto: « O curso do V ano medico, etc., declara nobremente que não toma a responsabilidade de qualquer acto que possa perturbar a ordem publica ».

E' esta a verdade que nos vemos obrigados a dizer sem subtilezas.

A Noticia, de 27 de Abril de 1921.

Em todas as noites tem continuado alguns estudantes a soltar das janelas das casas que habitam principalmente da rua Abilio Roqué de Sá Barreto e da rua Oriental de Mont'arroio, as frases mais injuriosas, de mistura com palavras ofensivas da moral publica.

A vozearia é em tais condições que os moradores do bairro de Santa Cruz, depois da meia noite, pouco podem dormir, tendo já vindo alguns ter comnosco pedir-nos para que continuemos nas nossas reclamações ás autoridades.

Aqui fica, para descargo de consciencia, feita a respectiva reclamação.

Mas aqui repetimos tambem o que temos dito a essas pessoas: a autoridade policial encarregada da ordem nas ruas, mora em rua onde, certamente, se não ouvem tais banzés, nem tais palavrões, e... deixai berrar, berrar os moços, que assim manifestam os seus bons pulmões e dão largas ao seu *delicado* espirito...

O peior é que tem estado nesta cidade muitas pessoas para assistir ao congresso agricola, que perguntaram — se não havia autoridades nesta terra.

Ao que nos consta, os ministros que aqui estiveram para assistir ao Centenario de Fernão de Magalhães, tiveram ocasião de ouvir a vozearia e as frazes soltadas, indo suficientemente edificados.

A Noticia, de 30 de Abril de 1921.

Coimbra, 24. — Parece estar longe a solução do conflito academico, visto os estudantes não aceitarem outra que não seja a da substituição do sr. dr. Angelo da Fonseca.

O aluno do 2.º ano de direito sr. Branco de Melo publicou uma carta aberta á Academia, na qual insere uma proposta que apresentou na sessão magna da Academia na sala dos capelos, na qual expunha que uma comissão composta de um quintanista de cada faculdade se avistasse com o senado universitario para solucionar o conflito. Fez esta publicação, diz, porque

não foi bem compreendida a sua atitude. Durante a ultima noite, os estudantes, dos telhados e das janelas das suas *republicas* teem berrado contra o sr. dr. Angelo da Fonseca, o que está motivando aspera censura na cidade, assim como a agressão de que foi victima o sr. dr. Octaviano de Sá, director de *A Noticia*, em cujo jornal tem defendido favoravelmente para o sr. dr. Angelo da Fonseca, o actual conflito. O sr. Octaviano de Sá tem-se referido ao conflito dentro das normas jornalisticas, sendo portanto condenavel a agressão de que foi vitima.

Diario de Lisboa, de 25 de Abril de 1921.

Apreciando o conflito, o sr. Ministro da Instrução põe em relevo as altas qualidades do Dr. Angelo da Fonseca, e prova que a greve já não tem razão de existir.

O sr. dr. Julio Martins, ministro da Instrução, pronunciou hontem na Camara dos Deputados, um discurso sobre a greve dos estudantes da Universidade de Coimbra. Dêsse discurso, onde o sr. dr. Julio Martins expoz claramente a questão, vamos destacar algumas passagens. A greve dos estudantes da Universidade de Coimbra, disse, dura desde o dia 18 do corrente. Esta greve, prejudica o ensino e todos nós desejamos que ela termine o mais rapidamente possivel. Nesta altura do ano, com os exames á porta, uma greve, que é sempre uma perturbação, assume neste momento uma importancia excepcional.

A greve dos estudantes de Coimbra resultou dum equivoco, resultou dum mal intendido entre os estudantes do 5.° ano de medicina e o ilustre professor de clinica cirurgica, o sr. dr. Angelo Rodrigues da Fonseca.

Os alunos do 5.° ano do curso medico, julgavam-se agravados pelas palavras proferidas pelo sr. professor Angelo da Fonseca, na aula da classe medica em 1 de

Março passado, quando S. Ex.ª fazia o elogio do saudoso sabio e erúdito professor sr. dr. Daniel de Matos e criticava o discurso, do estudante Coelho, feito á beira da campa do ilustre extincto.

Os alunos do 5.º ano medico quizeram ser recebidos, depois da aula, pelo seu professor que, dizem eles, os não recebeu.

Na sua essencia, é esta a questão que deu origem á greve.

Ha, repete, um equivoco, um lamentavel mal entendido entre as duas partes em litigio professor e estudantes:

Este equivoco, perante o oficio que me dirigiu o ilustre Reitor da Universidade de Coimbra, completado com a copia da acta do conselho da faculdade de medicina, dá á questão uma ampla plataforma, que colocando bem os estudantes e o professor, deve resolver sem mais delongas a situação.

Vejam como os factos se passaram.

Em 25 de fevereiro morria o grande homem de sciencia, gloria do nosso professorado superior, o saudoso dr. Daniel de Matos, alma cheia de justiça e cheia de bondade, talento brilhante que numerosas gerações de estudantes amaram e respeitaram eternecidamente.

O curso do 5.º ano medico, enviou como seu delegado, a dizer-lhe o derradeiro adeus da sua imensa saudade o estudante Coelho, um rapaz que me dizem ser muito inteligente, estudioso e trabalhador. O discurso deste estudante, foi apreciado pelo sr. professor Angelo da Fonseca, em 1 de março, na sua aula de clinica cirurgica, em algumas das suas passagens como depreciativo e porventura agressivo da faculdade a que ele pertencia, e cujo prestigio desejava ver erguido. Ha má interpretação do discurso, que mutuas explicações desfariam logo, mas devido, certamente, a circunstancias de momento, professor e estudantes não conseguiram entender-se.

Os estudantes ouviram a critica do seu professor em silencio, e á saida da sala o aluno Padua, filho dum professor da Universidade, já falecido, procurou o

dr. Angelo da Fonseca, para lhe dizer que o estudante Coelho, desejava ler-lhe o discurso que proferiu no cemiterio e explicar-lhe que nenhuma intenção tivera de ofender a faculdade. O sr. dr. Angelo da Fonseca respondeu que estava muito fatigado que lhe custava receber fosse quem fosse, mas que se não incomodasse o estudante Coelho, visto que, declarando ele que não havia ofensa á faculdade, estava liquidado o assunto. Momentos depois, o estudante Coelho com outros condiscipulos foram recebidos pelo sr. dr. Angelo da Fonseca, lendo o estudante o seu discurso, comentando-o e terminando por afirmar que era incapaz de ofender os seus professores ou ofender a sua Escola. Iria publicar o seu discurso para esclarecer a opinião publica acerca das suas intenções, obtemperando-lhe o dr. Angelo da Fonseca que era justo que aclarasse as suas palavras perante a opinião publica. Mas o mal entendido continuava, o equivoco prevalecia. O professor está satisfeito com as explicações do aluno, por si a questão está morta, mas para que a opinião publica não tirasse ilações erradas das palavaas proferidas no cemiterio, professor e alunos concordavam na publicação do discurso.

Os alunos, segundo as declarações do sr. dr. Angelo da Fonseca, frequentavam regularmente as enfermarias, mantendo com ele as melhores relações até que no dia 11 de março, o curso do 5.º ano publicava o seu primeiro manifesto. Leu esse manifesto, diz o orador, e tendo pelos alunos do 5.º ano medico a maior consideração, declara, no entanto á Camara, que não concorda com a doutrina nele exposta.

Declaram, depois, os alunos a sua incompatibilidade com o sr. dr. Angelo da Fonseca, dirigindo nesse sentido, um oficio ao director da Faculdade, sr. dr. Luiz Pereira, que não o aceitou por considera-lo incorrecto. Passado tempo, os rapazes declaram a greve. Ora se vamos a admitir uma gréve, disse o orador, pelo facto dos alunos de qualquer curso declararem a sua irreductibilidade com um professor, teremos estabelecido um principio desgraçado. (*apoiados*).

Uma comissão delegada dos grevistas procurou o reitor da Universidade, indicando-lhe o sr. dr. Raposo de Magalhães, para substituir o sr. dr. Angelo da Fonseca. Isto não está escrito, mas afirma-o o sr. Reitor da Universidade, homem de prestigio e de talento. Na reunião do Conselho da Faculdade, que se efectuou depois, o sr. dr. Angelo da Fonseca, mais uma vez exaltou a memoria do dr. Daniel de Matos e declarou, categoricamente, que nunca tivera intenção de agravar o 5.º ano do curso de medicina. Nestas condições o Conselho da Faculdade Medicina, votou a sua solidariedade para com o sr. dr. Angelo da Fonseca, cujo discurso nessa reunião oferece uma plataforma para que a greve termine.

Realmente, disse o orador, a greve labora num equivoco. Admitindo a publicação do discurso do estudante Coelho o sr. dr. Angelo da Fonseca queria desfaze-lo, para mostrar que nada nele existia de ofensivo para a Faculdade. E, tendo sido esse equivoco pulverisado, entende que a greve já não tem razão de existir, tanto mais que uma greve é uma perturbação na vida social, e muito principalmente na vida academica, onde os movimentos grevistas vão desorganisar enormemente os trabalhos escolares. Entende o orador que, depois das explicações do sr. dr. Angelo da Fonseca, os rapazes ficam bem colocados acabando já com a greve. « Eis como se encontra a questão, termina o orador, e como ministro da Instrução deseja declarar que está pronto a acompanhar os rapazes, e assim dirá, no intuito de que a greve termine e quanto antes, que se eles não quiserem fazer os seus exames na Universidade de Coimbra, os autorisará a faze-los nas Escolas Médicas de Lisboa ou Porto. »

A Patria de 23 de Abril.

Não sabemos ainda o efeito que terão produzido nos academicos grévistas de Coimbra as nobres e sinceras palavras do sr. ministro da Instrução.

Conjecturando segundo as leis da logica, é de esperar que esse efeito seja o da pacificação. E oxalá que assim seja, para vermos terminado um conflito debaixo de todos os aspectos lamentavel.

Dum lado estão os estudantes, cuja mocidade justifica os proprios exageros na susceptibilidade de um brio.

Do outro, está um professor ilustre, a quem o ensino deve os mais relevantes serviços, como os proprios estudantes não se atrevem a negar.

Assim sendo, ninguem podia ficar mal. Nem os academicos regressavam ás aulas como vencidos, nem o professor, que honra a cátedra, era apoucado no seu prestigio.

O sr. ministro da Instrução encontrou a verdadeira base da conciliação e, o que é melhor, encontrou-a logo no começo do conflito.

Para bem de todos é aproveita-la quanto antes, sem dar tempo a que se produzam factos irreparaveis, que criariam uma situação irredutivel.

Quem, como nós, tem o orgulho da sua profissão e reconheceu no sr. dr. Angelo da Fonseca um ornamento do professorado português, não pode contribuir, com uma palavra que seja, para que a ordem social fique desprestigiada.

Mas tambem como da mocidade fiamos o futuro da Patria, como o futuro desta ha de ser o que essa mocidade fôr, não podiamos nunca ter desejado nem consentido que ela fosse ofendida na mais simpatica das suas virtudes — o brio.

Por isso, repetimos, a solução feliz é a que encontrou o sr. ministro da Instrução.

Os academicos queixavam-se de inicialmente o sr. dr. Angelo da Fonseca os ter agravado. O ilustre professor declara expontanea e nobremente que nunca teve esse intuito. Entre homens de bem, de mais a mais de categoria mental, nunca foi preciso mais para destruir equivocos e extinguir todos os motivos para reclamar reparação.

E é este o caso.

A Patria, de 24 de Abril.

Continua, infelizmente, sem solução a greve academica de Coimbra, que é mais um elemento de perturbação no momento delicado que atravessa o país.

Lamenta-se, geralmente, que não tenha sido aceite a plataforma oferecida pelo sr. ministro da Instrução, a qual remataria o conflito com honra para todos e sem prejuiso para a disciplina social.

A Patria, de 26 de Abril.

O Professor Angelo da Fonseca recebe manifestações de simpatia e protestos de solidariedade de colectividades e particulares.

Vêm a Coimbra alguns dos seus doentes.

Apresentam-lhe cumprimentos—a Faculdade de Letras, de Direito, de Farmacia; a Associação dos Medicos do Centro de Portugal; pessoal dos Hospitais; a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra; o Centro Liberal, etc.

A Camara Municipal suspende a sessão para vir em nome da cidade manifestar-lhe a sua solidariedade e protestar contra os doestos que lhe têm sido dirigidos. Recebe inumeros bilhetes, cartas e telegramas de todo o paiz.

Vêm a Coimbra cumprimental-o antigos Ministros, leaders, *jornalistas, etc.*

Moção da Junta Geral do Distrito, afirmando a sua solidariedade.

De toda a parte do paiz, desde o mais humilde dos doentes da sua enfermaria que tem recorrido ao seu

saber profissional até aqueles que teem frequentado a sua clinica particular, tem recebido nestes dias, o prof. dr. Angelo da Fonseca, as provas mais inequivocas da sua amisade e gratidão.

Um pobre velhote de uma aldeia proxima, operado no Hospital, apareceu-lhe aflicto por que contaram lá na sua terra que tinham ofendido o seu *salvador*.

Artur de Oliveira ... industrial do nosso paiz que ha meses num desastre de automovel ficára em plena estrada com os ossos expostos, e a quem o prof. dr. Angelo da Fonseca com o seu saber cirurgico conseguiu colocar um por um os ossos dos pés, aí tem estado a fazer companhia áquele ilustre prof.; Joaquim Pereira Machado, grande proprietario de Murtede, oferece a instituições de beneficencia avultados legados como homenagem a este tão ilustre prof., etc., etc., tudo isto são incontestaveis demonstrações da muita simpatia, gratidão e reconhecimento do alto valor scientifico do prof. visado no actual conflicto academico.

Mas quando assim não fosse, havia ainda a considerar as provas de solidariedade que lhe teem vindo a ser prestadas. Alem da Faculdade de Letras, como já tivemos ocasião de noticiar, a Faculdade de Direito por intermedio dos prof. Guilherme Moreira, José Alberto dos Reis e Belesa dos Santos, vai cumprimenta-lo e oferecer-lhe a sua solidariedade, a seguir a Faculdade de Farmacia, representada pelos prof. Fernandes Costa e Cipriano Diniz, depois a sua propria Faculdade manifestando a sua opinião na moção que em outro lugar publicamos, a Associação dos Medicos do Centro de Portugal, representada pelos drs. Carlos Dias, Cipriano Diniz, Mario Martins Ribeiro, Julio Machado e Alberto Cupertino Pessoa, tambem lhe manifesta a sua simpatia, protesta contra os insultos que lhe foram dirigidos e oferece a sua solidariedade.

A Camara Municipal suspende tambem a sua sessão propositadamente para o ir cumprimentar a manifestar-lhe toda a sua solidariedade e protestar contra os doestos que lhe teem sido dirigidos.

— Sabemos que de toda a parte do paiz tem ainda o prof. dr. Angelo da Fonseca recebido por meio de cartas, bilhetes e telegramas de pessoas da mais alta situação, inumeras provas de grande simpatia e apreço.

— Estiveram em Coimbra a cumprimentar o mesmo ilustre prof. os antigos ministros, srs. drs. Fernandes Costa e Vasco de Vasconcelos e o ilustre e brilhante jornalista, nosso conterraneo e querido amigo, dr. Artur Leitão.

— Na sua sessão ordinaria de 5.ª feira, a Junta Geral resolveu visitar o ex.^{mo} sr. prof. dr. Angelo da Fonseca, para lhe demonstrar nesta emergencia a sua muita consideração e simpatia.

— O pessoal dos Hospitais que tanto deve ao prof. dr. Angelo da Fonseca, na melhoria de situação que para esse mesmo pessoal tem sempre conseguido na organisação dos serviços, esteve tambem junto daquele ilustre prof. a manifestar-lhe toda a sua dedicada consideração.

Foram representar o pessoal desse estabelecimento de assistencia: pela secretaria, o 1.º oficial dr. Rui dos Santos e contabilista Luiz Machado; pelos serviços farmaceuticos, chefe, Francisco Rego; fiscal, José Ferreira dos Santos; pela rouparia e lavandaria, o chefe, Francisco do Carmo e Sá; pelos serviços de electricidade, chefe, Pedro dos Santos; pela secção de obras, chefe, Monteiro de Figueiredo e pedreiro-mestre, Joaquim Margalho, marceneiro-mestre, José Maria de Miranda, carpinteiro-mestre, João dos Santos; pintor-mestre, Adriano Correia; pela secção de dispensa e cosinhas, cosinheiro, Adelino Paulos, pelas maquinas, latoeiro, José Luiz e pelo pessoal de enfermagem, enfermeiros-chefes, Cristina Julio, Emilia Simões, Antonio Apostolo e Manuel Duarte.

A Noticia, de 23 de Abril.

Coimbra, 22 — Mantem-se a gréve academica. O sr. dr. Angelo da Fonseca continua recebendo manifestações de simpatia e solidariedade, tendo ido a sua casa

os chefes de enfermeiros e chefes das diferentes repartições do hospital da Universidade e a comissão executiva da camara municipal, manifestando esta tambem a sua magua e o seu protesto contra a atitude de alguns estudantes contra s. ex.ª:

A moção votada no Conselho da Faculdade de Medicina de 20 do corrente de solidariedade ao sr. dr. Angelo da Fonseca, foi votada por unanimidade dos professores presentes. Sairam da sala antes da votação os professores srs. drs. Rocha Brito e Alvaro de Matos. O professor sr. dr. Elisio de Moura, que, não assistiu ao conselho por ter ido ao Porto ver um doente que se encontra em estado grave, vai declarar na primeira ocasião, que se estivesse presente votaria a moção.

A Patria, de 23 de Abril.

O sr. dr. Angelo da Fonseca continua recebendo inequivocas provas de simpatia. A direcção da Associaçao dos Médicos do centro de Portugal, manifestou-lhe a sua solidariedade e o seu desgosto pela atitude de alguns estudantes para com s. ex.ª

— A Junta Geral do Distrito de Coimbra, foi hoje cumprimentar e felicitar o dr. Angelo da Fonseca, manifestando-lhe a sua simpatia. O mesmo fizeram: A Camara Municipal, tendo hoje reunido, suspendeu a sessão, indo a caso do dr. Angelo da Fonseca.

A Patria, de 22 de abril.

O sr. dr. Angelo da Fonseca tem recebido dos seus colegas, não só de medicina, mas das outras faculdades, a declaração da sua solidariedade no caso que motivou a greve academica.

Primeiro de Janeiro, de 23 de Abril.

Coimbra, 22 — A Camara Municipal, resolveu ir cumprimentar o sr. dr. Angelo da Fonseca, como prova de muita simpatia e apreço.

Tambem os Chefes dos Serviços nos Hospitais da Universidade, incluindo o das enfermarias, foram apresentar ao mesmo professor os seus testemunhos de muita consideração pelos seus merecimentos clinicos.

Diario de Noticias, de 23 de Abril.

A Camara Municipal foi na quinta feira, depois da sessão da Comissão Executiva, cumprimentar o sr. dr. Angelo da Fonseca e protestar-lhe a sua solidariedade em face do presente conflito academico.

— Tambem ontem a direcção do Centro Republicano Liberal, teve gesto identico, constando-nos que o ilustre professor tem recebido inumeras provas de consideração e simpatia.

O Jornal, de 23 de Abril.

Coimbra, 20. — Deputações de todas as faculdades universitarias foram cumprimentar o sr. dr. Angelo da Fonseca, manifestando-lhe ao mesmo tempo a sua solidariedade perante a gréve academica.

A Faculdade de Medicina, hoje reunida, manifestou tambem a sua solidariedade ao sr. dr. Angelo da Fonseca.

Os estudantes continuaram a não ir ás aulas, esperando a adesão dos seus colegas do Porto e Lisboa.

O Seculo, de 21 de Abril.

Coimbra, 23 — O partido liberal de Coimbra, representado por alguns dos seus membros, foi apresentar ao sr. dr. Angelo da Fonseca, os seus protestos de muita simpatia e apreço.

— A direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, foi igualmente manifestar a s. ex.ª a sua muita simpatia e consideração, afirmando os seus bons desejos de que tudo se normalise depressa, pela forma mais honrosa para ambas as partes.

A comissão executiva da Junta Geral, tambem teve as mesmas atenções para com o referido professor.

Sabemos que a academia não aceita qualquer solução do conflicto que não seja a substituição do professor sr. dr. Angelo da Fonseca.

O Primeiro de Janeiro, de 24 de Abril.

Coimbra, 22 — A comissão executiva da Camara Municipal, após a sua sessão, foi cumprimentar o sr. dr. Angelo da Fonseca, protestando junto deste professor contra a forma porque tem sido tratado por varios elementos academicos.

Quando o pessoal dos Hospitais da Universidade, chefes das enfermarias e das diversas repartições, iam para casa do sr. dr. Angelo, para lhe manifestar a sua simpatia, apareceu um numeroso grupo de estudantes, manifestando-se contra o acto que ia realisar-se.

Correio da Manhã, de 23 de Abril.

O ilustre prof. sr. dr. Angelo da Fonseca, tem continuado a receber de toda a parte provas da maior consideração.

Ante-ontem foi visitado por um grande numero de comerciantes, levando á sua frente o considerado industrial e comerciante da nossa praça, sr. Manuel Augusto da Silva que lhe foi manifestar toda a sua admiração, protestando-lhe ao mesmo tempo toda a sua solidariedade.

A Noticia, de 30 de Abril.

Continua no mesmo pé a greve dos estudantes da Universidade.

A moção votada no Conselho da Faculdade de Medicina de 20 do corrente e de solidariedade ao sr. dr. Angelo da Fonseca foi votada por unanimidade dos professores presentes. Saíram da sala antes desta votação os srs. drs. Rocha Brito e Alvaro de Matos.

O professor Elisio de Moura, que não assistiu ao Conselho pelo facto de ter ido ao Porto ver um doente

em estado grave, vai declarar na primeira ocasião, que se estivesse presente votaria a moção.

O sr. dr. Angelo da Fonseca foi na quinta feira cumprimentado pela Comissão Executiva da Camara, conforme a resolução tomada na sua sessão, e ontem pela Direcção do Centro Republicano Liberal desta cidade e pela Comissão Executiva da Junta Geral que a s. ex.ª apresentaram os protestos da sua solidariedade.

Os chefes das enfermarias e de varias repartições do Hospital foram tambem cumprimentar o sr. dr. Angelo.

Este ilustre professor tambem foi hoje, pelas 14 horas, procurado pela Direcção da Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra, que em resumo lhe afirmou o seguinte:

Que a Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra, considerando-se fiel interprete do sentir e das aspirações da cidade, lhe manifesta não só a maior consideração e estima, mas tambem lhe significa o muito apreço em que tem os seus altos meritos de professor, e os relevantes serviços por s. ex.ª prestados em prol dos interesses e prestigio da Universidade, que a cidade sincera e ardentemente deseja ver engrandecida e respeitada pelo trabalho, boa harmonia e solidariedade de professores e estudantes, que igualmente merecem a sua melhor simpatia, e por isso faz sinceros votos pela rapida e honrosa solução do conflito existente, para que a vida escolar volte á sua normalidade e, consequentemente, se estabeleça a tranquilidade indispensavel ao bom exercicio profissional de quem ensina e ao proficuo aproveitamento de quem aprende, estudando.

Gazeta de Coimbra, de 23 de Abril.

Coimbra, 21.—Mantem-se a atitude grevista dos estudantes da Universidade. O sr. dr. Angelo da Fonseca continúa recebendo as maiores demonstrações de simpatia e de repulsa contra a atitude de varios estudantes.

Ontem a direcção da Associação dos Medicos do Centro de Portugal e a comissão executiva da Camara Municipal foram cumprimentar o sr. dr. Angelo da Fonseca e patentear-lhe a sua admiração pelos seus altos serviços prestados á sciencia e á cidade de Coimbra.

Diario de Lisboa, de 22 de Abril.

Junta Geral do Distrito de Coimbra — Comissão Executiva — N.º 154 — Serviço da Republica. — Ex.^{mo} Sr. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca — Coimbra. Com as nossas saudações amigas e respeitosas tomamos a liberdade de enviar á V. Ex.ª, por copia, a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade, em sessão de 21 do corrente: «Estando a decorrer nesta Universidade de Coimbra um conflito academico entre o nosso Presidente da Junta, Doutor Angelo Rodrigues da Fonseca, e o curso do quinto ano de Medicina, com a adesão dos estudantes de todas as Faculdades, que se constituiram em greve, a Comissão Executiva manifesta a sua vontade sincera de que ao notavel Professor, Doutor Angelo Rodrigues da Fonseca, sejam prestadas as mais completas homenagens. E é justica verdadeira, visto coexistirem em sua Ex.ª os mais brilhantes predicados de erudição, de caracter de mestre e de clinico, operador celebre, especialista notabilissimo. Revelando sempre um espirito moderno, como, alem doutras manifestações, podem atestar as suas extraordinarias obras e reformas hospitalares. — Saude e Fraternidade — Coimbra, 23 de Abril de 1921. —O Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral, (a) *Silvio Pelico Lopes Ferreira Neto.*